



Dr. Backer Ribeiro Fernandes

backer@usp.br
communita@communita.com.br
www.communita.com.br

Há alguns dias uma pessoa afirmou: não há desenvolvimento social sem crescimento econômico! Sem saber, ela me contrariou, pois eu acredito no inverso: para se chegar ao desenvolvimento social e ambiental será preciso implodir o planeta econômico. A sustentabilidade só será possível se a questão

Sustentabilidade: o fim do planeta econômico

econômica não se sobrepuser às questões sociais e ambientais.

As empresas deverão promover um equilíbrio em relação ao tripé da sustentabilidade. Que percentual as empresas estão investindo atualmente nas questões sociais e ambientais, além do econômico? Há equilíbrio do *Triple Bottom Line*? Existe um objetivo maior que o de obter lucro para seus acionistas? Perguntas difíceis! Não podemos chamar de empresa sustentável ou socialmente responsável aquelas não têm equilibrado o seu tripé econômico, social e ambiental.

Sabemos que equilibrar balanças não é uma

expertise brasileira, basta ver a distribuição de renda neste país. Sustentabilidade é qualidade de vida, é garantir a condição mínima para que as pessoas vivam dignamente, preservar os bens naturais em benefício da humanidade. Portanto, e definitivamente, desenvolvimento social não é crescimento econômico. Para provar isso basta olhar para os dois principais índices, o PIB – Produto Interno Bruto, que mede a riqueza de um país e o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, que mede o quanto um país é, de fato, desenvolvido.

Somos o sétimo país mais rico do mundo. O PIB do país cresceu 7,5% em 2010, a maior taxa desde 1985, e

alcançou aproximadamente os R\$3,5 trilhões. Estamos ricos! Não é bem verdade, se dividirmos os 3,5 trilhões de reais por 190 milhões de brasileiros, seria equivalente a 18.500 reais por ano. Para onde vai todo esse dinheiro? No Brasil, 16 milhões de pessoas (8,5% da população brasileira) vivem abaixo da linha da pobreza, com rendimento menor ou igual a R\$ 70 por mês. Mal conseguem atender suas necessidades básicas, como comprar comida, por exemplo.

Desde 2000, o Brasil vem crescendo economicamente, saltando da 9ª para a 7ª colocação entre os países mais ricos. Apesar de toda essa riqueza, o IDH em 2010 colocou o Brasil na posição nº 73 entre 169 países, longe dos 10 países mais desenvolvidos do mundo, como: Noruega, Austrália, Irlanda, Canadá e Suécia, por exemplo. O IDH combina três dimensões: expectativa de vida que as pessoas têm ao nascer, o acesso à escola, o número de anos que irão estudar e a renda anual que permite que cada cidadão viva dignamente. É um índice



claro e que nos ajuda a desviar o foco do crescimento da economia para políticas centradas em pessoas. É uma pena, mas desde 2001, quando o Brasil ficou na 69ª posição, não vejo nenhuma melhoria no índice de desenvolvimento brasileiro.

O pensamento econômico não pode continuar norteando a vida no planeta. O que é economicamente viável não pode ser o fator determinante para as empresas continuarem a produzir seus bens de consumo para conforto da vida moderna e a gerar lucro para seus acionistas. Como alertou Leonardo Boff em relação à crise terminal do

capitalismo, "as pessoas no mundo não aceitam mais a lógica perversa da economia, chegamos nos limites da Terra, ocupamos, depredamos e exaurimos todo o planeta a ponto de ele não conseguir, sozinho, repor o que lhes foi seqüestrado".

Portanto, sustentabilidade, ou desenvolvimento sustentável, significa muito mais que investir em práticas de gestão que não agridam o meio ambiente. É um novo modelo de desenvolvimento e as empresas precisarão promover uma quebra de paradigma em relação ao modelo de desenvolvimento econômico de hoje. Como fazer? Esse é o desafio!